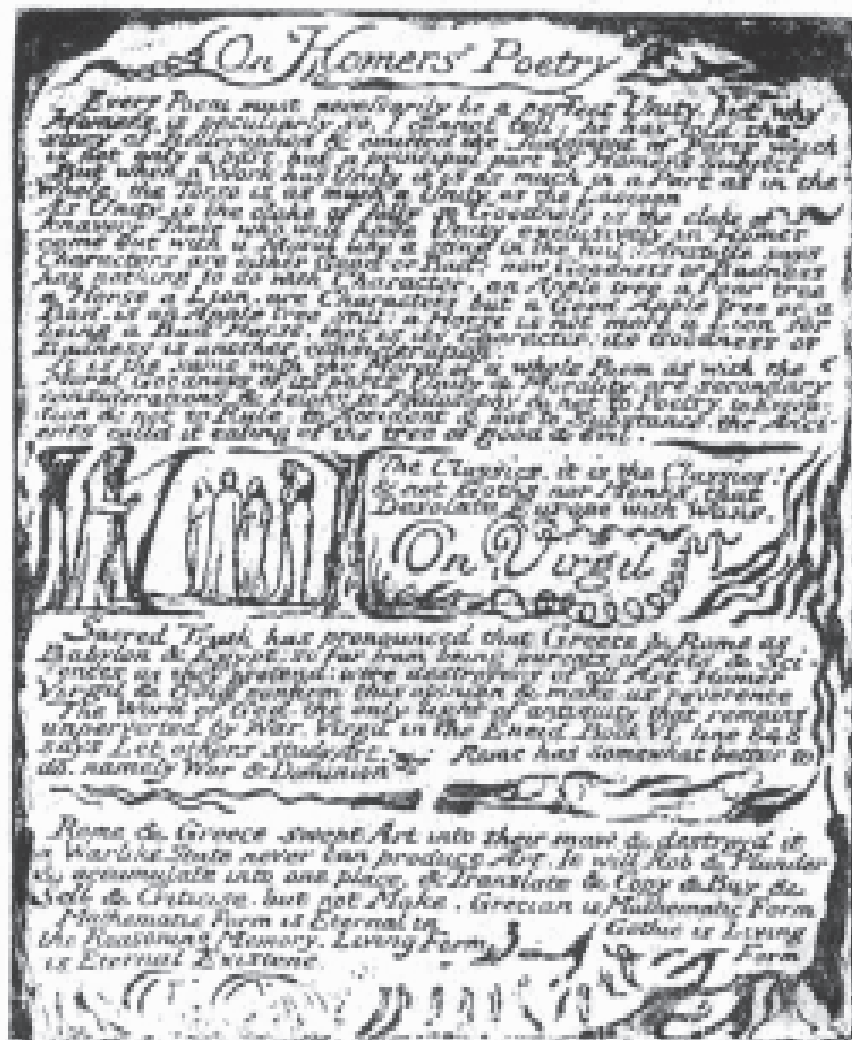


Sobre a poesia de Homero e sobre Virgílio, de William Blake

Juliana Steil



Fragmento de obra aberta

A crítica recente tem defendido que a obra de Blake é uma obra aberta, em contraposição à tendência mais tradicional que a considera um sistema fechado de símbolos estáveis. As imagens recorrentes de um livro a outro, nesse caso, iriam assumindo novos significados a cada contexto, ampliando e somando sentidos ao conjunto.

A condição de obra “aberta”, contudo, não significa que o corpus blakiano possa suportar leituras ilimitadas. Em vez disso, ela reconhece níveis de leitura sobrepostos em uma cadeia de discursos interligados, operando em uma discussão ao mesmo tempo religiosa, política, econômica, filosófica, conceitual e material (MAKDISI, 2003: 75). Assim, *On Homers Poetry [and] On Virgil*¹ apresenta outras questões além dos problemas de teoria literária evidentes à primeira leitura destes tratados.

Em *On Homers Poetry*, Blake não está apenas criticando a aplicação de conceitos lógico-rationais – como a “unidade da estrutura” e a “moral das personagens”, por exemplo – à poesia homérica e à poesia em geral; o poeta refere-se, ao mesmo tempo, a uma forma de pensamento que, para ele, influenciaria a era industrial, levando a uma visão da sociedade como um grande corpo coletivo no qual os indivíduos seriam membros trabalhando para a produção de um objeto comum. Nesse sentido, a existência de modelos estabelecidos estaria relacionada às ideias de controle, disciplina e dominação.

Da mesma forma, a opinião blakiana sobre o tema bélico na literatura da antiguidade clássica não é tudo o que expressa *On Virgil*. Ao valorizar a cultura do Oriente em detrimento da cultura ocidental – exatamente o inverso do discurso revolucionário do seu tempo, que, como uma espécie de estratégia para a consolidação de seus princípios políticos, procurava enfatizar a separação entre Ocidente e Oriente, inferiorizando o último – o texto blakiano contesta os con-

¹ Desta gravura, produzida por volta de 1820, seis são as cópias que se conservam até hoje.

ceitos predominantes na época. Esse gesto de contrabalançar diferenças vem da fé em uma humanidade original que teria tido uma única língua e uma única religião. A aceitação de um Gênio Poético comum à infinita variedade de seres humanos, para Blake, é incompatível com qualquer modelo de sociedade que tenha por base a hierarquização de sujeitos.

As questões enumeradas aqui apontam apenas algumas das possibilidades e níveis de leitura de *On Homers Poetry [and] On Virgil*, um texto que certamente mostra um pouco das características narrativas que têm justificado o fascínio que vem sendo atribuído à obra de William Blake.

Breve comentário sobre nossa tradução de *On Homers Poetry [and] On Virgil*

A tradução destes dois breves tratados não deixa de oferecer suas complicações. A principal delas cai em torno do termo “Character” (linhas 11, 12, 13 e 15), cujo sentido abre-se para várias opções lexicais em língua portuguesa. Para uma solução satisfatória, o contexto exigiu a consideração da fonte citada.

No referido trecho de *On Homers Poetry*, há uma referência à opinião aristotélica de que o traço distintivo da personagem se classifica em bom ou mau:

No que diz respeito aos caracteres, há quatro aspectos que se devem ter em vista, e o primeiro e mais importante é que os caracteres sejam bons. Haverá carácter se, como se disse, as palavras ou as acções da personagem mostrarem que está animada de um certo propósito, e o carácter será bom se esse propósito for bom. [...] (*Poética*, cap. XV – Aristóteles, 2004: 67).

A edição crítica da *Poética* preparada por Ana Maria Valente traz “carácter” como tradução de “ethos”. A justificativa da tradução aparece na nota de rodapé número 71: Conforme Lucas, 1968:

Juliana Steil. *Sobre a poesia de Homero e sobre Virgílio*, de William Blake

157, *ethos* (ἦθος) tanto parece significar uma *dramatis personae* como o carácter de uma personagem. Em ambos os sentidos, mantemos a tradução ‘carácter’ (in: ARISTÓTELES, 2004: 67). Acreditando na correspondência entre *ethos* de Aristóteles e *Character* de Blake, adotamos a decisão da tradutora portuguesa e, ao usar “carácter”, preferimos fazer nossa tradução concordar com esta e com as três outras traduções da *Poética* em língua portuguesa consultadas (ARISTÓTELES, 1997; s/d; 2004b).

Outras escolhas da nossa tradução foram feitas em favor do ritmo e do estilo do autor:

Um Pé de Maçã, um Pé de Pera, um Cavalo, um Leão, são Caracteres; mas o Pé de Maçã sendo Bom ou Mau, ainda é Pé de Maçã.

[an Apple tree a Pear tree a Horse a Lion. are Characters but a Good Apple tree or a Bad, is an Apple tree still:]

Além de favorecerem o ritmo da linha, as traduções “Pé de Maçã” e “Pé de Pera”, inclinadas ao coloquial da língua, contribuem, a nosso ver, para a recomposição da ironia do original no texto traduzido.

As maiúsculas estrategicamente distribuídas no texto original foram mantidas na tradução; porém, não procedemos da mesma forma com outra das marcas do estilo blakiano, que é a pontuação não-convencional. Nesta tradução, experimentamos fazer algumas adequações na pontuação.

On Homers Poetry [and] On Virgil, copy F

- 01 **On Homers Poetry**
- 02 Every Poem must necessarily be a perfect Unity. but why
- 03 Homers is peculiarly so, I cannot tell: he has told the
- 04 story of Bellerophon & omitted the Judgment of Paris which

Juliana Steil. *Sobre a poesia de Homero e sobre Virgílio*, de William Blake

36 & accumulate into one place, & Translate & Copy & Buy &
37 Sell & Criticise. but not Make . Grecian is Mathematic Form
38 Mathematic Form is Eternal in Gothic is Living
39 the Reasoning Memory. Living Form Form
40 is Eternal Existenc

Sobre a Poesia de Homero e Sobre Virgílio

01 Sobre a Poesia de Homero

02 Todo Poema deve necessariamente ser uma Unidade perfeita. Mas por que
03 o de Homero é peculiarmente assim, não sei dizer: ele contou
04 a história de Belerofonte & omitiu o Julgamento de Paris, que
05 não só é uma parte, mas uma parte fundamental do tema de Homero.
06 Mas quando uma Obra tem Unidade, é tanto numa Parte como no
07 Todo. O Torso é tanto uma Unidade quanto o Laocoonte.
08 Assim como a Unidade é o manto da tolice, a Bondade é o manto da
09 canalhice. Aqueles que vão buscar Unidade exclusivamente em Homero
10 acabam voltando com a Moral tosquiada: diz Aristóteles
11 que Caracteres são ou Bons ou Maus. Ora, Bondade ou Maldade
12 nada têm a ver com Caráter: Um Pé de Maçã, um Pé de Pera,
13 um Cavalo, um Leão, são Caracteres; mas o Pé de Maçã sendo Bom
14 ou Mau, ainda é Pé de Maçã. Um Cavalo não se torna um Leão por
15 ser um Cavalo Mau, aquele é seu Caráter; sua Bondade ou
16 Maldade é outra consideração.
17 É o mesmo com a Moral de um Poema inteiro ou com
18 a Bondade Moral de suas partes. Unidade & Moralidade são considerações
19 secundárias & pertencem à Filosofia & não à Poesia, à Exce-
20 ção & não à Regra, ao Acidente & não à Substância. Os An-
21 tigos chamaram isto comer da árvore do bem & do mal.

22 Os Clássicos, são os Clássicos!
23 & não Godos, nem Monges, que
24 Arrasam a Europa com Guerras.

25

Sobre Virgílio

- 26 A Verdade Sagrada declarou que Grécia & Roma, como
27 Babilônia & Egito, longe de serem os pais das Artes & Ci-
28 ências como se dizem, foram destruidores de toda Arte. Homero,
29 Virgílio & Ovídio confirmam esta opinião e fazem-nos reverenciar
30 A Palavra de Deus, única luz da Antigüidade que permanece
31 incorrupta pela Guerra. Virgílio, na Eneida, Livro VI, verso 848, diz:
32 Deixai outros estudarem Arte; Roma tem coisa melhor a
33 fazer, isto é: Guerra & Dominação.
- 34 Roma & Grécia dragaram a Arte para dentro de suas panças & a destruíram.
35 Um Estado Marcial jamais pode produzir Arte. Pode Roubar & Pilhar
36 & acumular de um lado; & Traduzir & Copiar & Comprar &
37 Vender & Criticar. Mas não Produzir. A Arte Grega é Forma Matemática.
38 Forma Matemática é Eterna na Memória Racional.
39 A Arte Gótica é Forma Vivente.
40 Forma Vivente é Existência Eterna.

Referências

Do original (gravura e transcrição textual):

BLAKE, William. *On Homers Poetry [and] On Virgil*, copy F (Pierpont Morgan Library). *The William Blake Archive*. Ed. Morris Eaves, Robert N. Essick, and Joseph Viscomi. 29 June 2007 <<http://www.blakearchive.org/>>.

Dos comentários:

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Tradução de Jaime Bruna. 7ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

ARISTÓTELES. *Arte Poética e Arte Retórica*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. 16ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Ediouro, sem data.

Juliana Steil. *Sobre a poesia de Homero e sobre Virgílio*, de William Blake

_____. *Poética*. Tradução de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

_____. "Poética". Tradução de Baby Abrão. In: _____. *Poética, Organon, Política, Constituição de Atenas*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2004b.

MAKDISI, Saree. *William Blake and the Impossible History of the 1790s*. Chicago / London: The University of Chicago Press, 2003.